VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

CRÔNICAS DO CETRO E DA MALA: AS NARRATIVAS DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO, EÇA DE QUEIROZ E RAMALHO ORTIGÃO SOBRE A PRIMEIRA VIAGEM DE D.PEDRO II PELA EUROPA*

Rômulo de Jesus Farias Brito**

Um cidadão brasileiro, filho de pai português, inicia uma viagem rumo à Europa a fim de conhecer a terra natal de seu progenitor e outros países do velho continente. Na segunda metade do séc.XIX, tal cena não geraria tanta comoção, uma vez que os avanços técnicos facilitavam a travessia de pessoas e informações entre os dois lados do atlântico e os membros de famílias mais abastadas comumente realizavam a viagem. Entretanto, quando o homem em questão é o Imperador do Brasil, as atenções mudam completamente.

Em maio de 1871, D.Pedro II deixou seu império a fim de, pela primeira vez, visitar o continente europeu. Sua viagem durou 11 meses e o levou por Portugal, França, Alemanha, Inglaterra, Itália e se estendeu até o Egito, sempre acompanhado da imperatriz e sua comitiva.

---

* Trabalho apresentado em 28.06.2012 no VI Simpósio Nacional de História Cultural, realizado na cidade de Teresina, Piauí.

** Mestrando em História na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/6236480631198447

ISBN: 978-85-98711-10-2

A viagem do imperador se deu em um momento conturbado no plano interno. O conflito armado que envolveu o país em aliança com Argentina e Uruguai contra o Paraguai havia recentemente se encerrado A campanha abolicionista e os ideais republicanos ganhavam, por outro lado, cada vez mais força no país, difundindo-se através da imprensa. As bases da monarquia brasileira começavam a ser minadas, sendo a imagem de D. Pedro II, governante e personificação do regime monárquico, bastante desgastada neste processo.

Frente a este quadro, as motivações oficiais que levaram o imperador à embarcar rumo à Europa apontam para duas explicações: sua filha, Leopoldina de Saxe-Coburgo, que residia na Europa com o marido, Luís Augusto, Duque de Saxe-Coburgo, e seus filhos, faleceu vítima de febre tifoide. Com sua morte, D.Pedro II declarou a necessidade de encontrar seus netos e trazê-los para o Brasil. No relatório da província do Rio de Janeiro de 1871, consta também que a imperatriz apresentava problemas de saúde que, sob recomendação médica, seriam amenizados com o clima encontrado Europa.

É inevitável pensar que, para além das explicações oficiais, a viagem de D.Pedro II teria servido como uma válvula de escape para sua já desgastada imagem no Brasil, e também para atender a sua vontade de conhecer o continente que, até então, só conhecia através de livros e relatos. Entretanto, a viagem e suas implicações políticas, apesar de importantes, não são o objeto deste trabalho.

Para a linha de reflexão pretendida sobre a construção das identidades nacionais nas duas margens do Atlântico, destaca-se a importância de que os eventos da viagem, representados por periódicos no Brasil e na Europa, chamaram a atenção de jovens portugueses ligados a um grupo de intelectuais que repensavam a identidade e a sociedade portuguesa em diversas obras publicadas no início da década de 70.

A este grupo de intelectuais portugueses, que chamaram a atenção da sociedade e dos governantes de Portugal a partir da “questão coimbrã” e das “conferências do cassino”, é atribuída a alcunha de “geração de 70”.

O conceito de “geração” já foi amplamente debatido e questionado por autores como Jean François Sirinelli e, na esfera luso-brasileira, Beatriz Berrini, por conferir homogeneidade a intelectuais que, apesar de algumas linhas comuns, possuem

ISBN: 978-85-98711-10-2

geralmente práticas e bases teóricas distintas que escapam a qualquer classificação pré-estabelecida[1].

A denominação "geração de 70" não escapa à insuficiência do conceito frente à heterogeneidade dos intelectuais portugueses em questão. Estes possuíam grandes divergências no que tange aos fundamentos filosóficos e científicos de seus pressupostos teóricos e à responsabilidade de instituições políticas nos problemas nacionais portugueses. Tais oposições levaram inclusive à conhecidas querelas entre seus membros. Entretanto, onde havia diferenças, também existiam linhas comuns que norteavam seus diagnósticos sobre a sociedade portuguesa oitocentista.

Dentre as noções que eram compartilhadas por estes jovens intelectuais, estava a a ideia de decadência da sociedade portuguesa, que teria sido incapaz de acompanhar o fluxo da modernidade e manter-se ao lado de outras potências europeias, e a perspectiva de que esta só seria superada através de uma revolução cultural, que se daria através da educação e de uma redefinição da história e identidades portuguesas.

Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão e Raphael Bordallo Pinheiro eram alguns dos jovens que compartilhavam estas noções e repensavam a sociedade portuguesa não apenas a partir de seu centro, mas também através de um olhar sobre as outras nações. Os dois primeiros possuíam uma forte atuação jornalística e literária, enquanto Bordallo, que também enveredou pela prática jornalística, era um dos principais caricaturistas portugueses do período, tecendo suas crônicas através das imagens.

Não escapou a estes intelectuais a passagem de D.Pedro II por Portugal e pelos demais países visitados pelo imperador. As perspectivas de Bordallo, Ramalho e Eça resultaram nas obras publicadas em 1872 que serão aqui analisadas. Trata-se do álbum de caricaturas intitulado *Apontamentos de Raphael Bordallo Pinheiro sobre a picaresca viagem do imperador do Rasilb pela Europa*, de autoria de Bordallo, e da edição de fevereiro de *As Farpas*, de autoria de Eça e Ramalho.

O tempo disponível não nos permite analisar as obras em toda sua complexidade, uma vez que a edição de fevereiro de *As Farpas* possui 96 páginas e a

---

[1] Faz-se referência aqui a SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: REMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ/Ed.FGV, 1996. e BERRINI, Beatriz. **Brasil e Portugal: a geração de 70**. Porto: Campo das Letras, 2003.

ISBN: 978-85-98711-10-2

"Picaresca Viagem" é composta por mais de 100 caricaturas distribuídas em 15 páginas, além da diversidade dos temas abordados em ambas. Por isso, foi necessária a escolha de um eixo de reflexão que permitisse, a partir de breves elementos, pensar sobre o processo de reconstrução da identidade nacional portuguesa por alguns intelectuais da "geração de 70". Optou-se, portanto, por uma das críticas sobre uma imagem construída em torno da figura do imperador e um símbolo que, nas narrativas em questão, diretamente relaciona-se a ela: a imagem do "monarca-cidadão" e a mala.

Mas em que consistiria tal imagem? Como um objeto como a mala estaria ligado á imagem de D.Pedro II em sua viagem e, especialmente, como estes elementos teriam qualquer relação com a redefinição da identidade portuguesa por parte dos intelectuais em questão? Para responder tais questões, passemos, enfim, às obras de Bordallo, Ramalho e Eça.

A primeira a ser analisada será aquela que é considerada por alguns estudiosos como o primeiro álbum de banda desenhada portuguesa. *Apontamentos de Raphael Bordallo Pinheiro sobre a Picaresca Viagem do Imperador do Rasilb pela Europa* possui em seu título indícios da tônica narrativa desenvolvida por Bordallo em suas 15 páginas.

O adjetivo conferido à viagem do Imperador refere-se diretamente ao "pícaro", personagem-tipo dos chamados romances ou novelas picarescas. Este gênero narrativo-literário trazia, em geral, estórias protagonizadas por um personagem pertencente às baixas camadas sociais, mas que se utilizava de astúcia e malandragem para transitar em outros grupos e obter benefícios próprios. O protagonista da narrativa elaborada por Bordallo se utiliza de sua astúcia para transitar em diversos espaços e lidar com diferentes situações, mas encontrava-se no outro extremo da hierarquia social. Tal personagem era o monarca Pedro II, imperador do Brasil.

A crônica desenvolvida por Bordallo concentra-se em dois eixos: a figura de D. Pedro II, governante e símbolo da monarquia brasileira em suas "desventuras" pela Europa e, em um segundo plano, a preparação e recepção da sociedade portuguesa para a chegada do monarca. A presença e crítica à imagem do "monarca-cidadão" nestes dois eixos, assim como sua articulação, são fundamentais para compreender o papel de tal narrativa na reelaboração da identidade nacional portuguesa.

ISBN: 978-85-98711-10-2

A crônica de Bordallo Pinheiro é introduzida por uma definição do "Rasilb", anagrama de Brasil, partindo da viagem de D.Pedro II para então rapidamente definir os motivos que o teriam levado à Europa. Suas palavras dão os fundamentos da narrativa que se seguiu nas próximas páginas e apresentam alguns dos elementos basilares em sua concepção sobre a imagem do imperador:

> Razilb é uma nação florescente que se governa a si própria, mas que tem a condescendência de pagar a um Imperador, para que este a bem da administração pública, das finanças e do público desenvolvimento do país, estude hebraico e línguas mortas.
> Um dia, S.M o Imperador pressente que o seu povo começa a secar-se com ele e ele com o seu povo. Resolve então viajar.[2]

Bordallo inicia a obra com uma positiva definição do Brasil sob os prismas da independência e de seu desenvolvimento. Entretanto, logo é realizada uma atribuição negativa sobre a nação, especificamente à passividade frente ao sistema monárquico. O Imperador, nas palavras do intelectual, receberia as finanças públicas e estaria à frente das instituições não para administrar o país, mas para exercer atividades fúteis e que nada teriam a ver com o bem público, como o estudo de línguas em desuso. .

É apontado também o desgaste que a imagem de Pedro II começava a sofrer no país como um dos motivadores de sua viagem. O tempo fora do país seria uma via de escape, que concederia um tempo ao imperador longe das críticas à instituição monárquica. Bordallo Pinheiro segue em sua introdução:

> (...) adquiriu o vício inveterado de falar ao mesmo tempo de tudo o que existe. Ora os seus súditos, pessoas acanhadas e magras, só falam das coisas que sabem, o que o obriga a uma abstinência que manifestamente lhe pertuba as digestões.
> Resolve pois procurar pelo mundo:
> 1 – Povos que o achem bem;
> 2 – Sábios que lhe digam coisas
> E parte, mascarado de Imperador-democrata, que é como diz: chocos-frescos, preto branco ou piano-forte3

A última frase destaca o elemento privilegiado nesta análise: a imagem de "imperador-democrata". Em sua trajetória pela Europa, o imperador demonstrou em

---

[2] PINHEIRO, Raphael Bordallo. Apontamentos de Raphael Bordallo Pinheiro sobre a picaresca viagem do Imperador de Rasilb pela Europa. Lisboa: s/e, 1872. p.2

[3] Idem. Ibdem.

ISBN: 978-85-98711-10-2

diversas ocasiões uma característica que, segundo Lilia Moritz Schwarcz, vinha se delineando desde o início da década de 1870[4]. D. Pedro II se afastava gradualmente da pompa e dos rituais que envolviam um monarca, se apresentando costumeiramente com trajes comuns e dispensando determinadas cerimônias.

No ideário que permeava a atuação literária e jornalística dos intelectuais portugueses, subjazia uma moderna compreensão de Estado e da relação entre o povo, o poder e a nação para a qual termos como Imperador ou monarquia eram completamente antagônicos a democracia ou vontade popular. .

Para Bordallo, esta imagem não passaria de uma mera e intencional aparência, constituída pela própria noção de contradição entre as ideias de monarquia e democracia anteriormente apresentada e "constatada" pelos eventos da viagem posteriormente narrados. A máxima relacionada ao uso consciente desta imagem encontra-se na expressão utilizada por Bordallo: "mascarado".

Iniciando as caricaturas do imperador, Bordallo demonstra os elementos que comporiam a imagem do "monarca-cidadão" que este pretenderia transmitir durante sua viagem. Na **Figura1,** D.Pedro II é apresentado preparando as malas para a viagem, auxiliado por escravos que fornecem ao imperador os elementos, representados por cosméticos, que comporiam a imagem de monarca cidadão que este pretenderia transmitir durante sua viagem. Encontra-se nos preparativos um "elixir de popularidade", "democracia" e "breves noções de civilidade".

[4] Segundo Lilia Moritz Schwarcz, que analisa a construção simbólica sobre a imagem do imperador em uma perspectiva da antropologia histórica, D. Pedro II teria, a partir da década de 1870, se afastado ainda da ritualística monárquica, adotando publicamente vestes comuns e abdicando das formalidades. Ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As Barbas do Imperador: D.Pedro II, um monarca nos trópicos**. 2º Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Mette então n'uma malla cosmeticos proprios para a caracterisação de tal typo, algumas calças com fundilhos, pouca roupa branca, e guias que o ensinem a pedir os decilitros, as lagrimas e os sabios necessarios á sua democratica e encyclopedica alimentação. — Deverão tambem elles ensinar-lhe como em vario idioma se dá vivas á liberdade, á egualdade e á outra coisa: — porque elle intenta voltar á sua terra tão popular, que se lhe possa impingir como a melhor das republicas.

FIGURA 1 – D.Pedro II prepara sua mala para a viagem. p.2

Ao colocar estes elementos como uma mera caracterização do imperador, Bordallo atribui a ele claramente características opostas, sendo, sob sua perspectiva, anti-democrata – o que se deve em grande parte à sua própria posição de imperador e também é caracterizado no desenho pela presença de escravos – e fora dos padrões de civilidade – que à época entendia-se como as práticas e ideias originadas na Europa, especialmente na França e Inglaterra.

Os indícios sobre os elementos que compõem a imagem de D.Pedro II segundo a percepção de Bordallo começam pelos trajes do imperador, que utiliza um simples chapéu e chinelos, mas com a coroa não abandonada por completo. Tão importante quanto sua caracterização aqui é a informação dos recursos utilizados na viagem que, segundo Bordallo, foi obtido "por entre as lágrimas e a transpiração dos seus fiéis vassalos", às custas do erário público.

Após seus preparativos, D.Pedro II então deixa o Brasil para trás na narrativa de Bordallo, rumando para o mais próximo país Europeu. Em Portugal, o imperador recebe uma série de ovações e cerimônias para celebrar sua chegada. Bordallo representa orquestras entoando hinos a D.Pedro II e seu encontro com intelectuais, rituais que satisfariam seu "apetite de popularidade". Apesar da grande importância das

ISBN: 978-85-98711-10-2

representações em território português para a compreensão da obra., este não é o escopo deste trabalho. Após uma estadia na capital, deixa Portugal, local que ainda o receberia ao final de sua viagem pela Europa.

Posteriormente, D. Pedro II teria se dirigido, dentre outros países, à recém unificada Alemanha e à França (**FIGURA 2**) em um momento de tensões diplomáticas entre os dois países, uma vez que a guerra franco-prussiana, que culminou com a derrota francesa, havia recentemente encerrado. Esta delicada estabilidade entre os dois países é usada por Bordallo para atribuir um caráter dúbio ao imperador, já demarcado pela ideia do monarca-cidadão. Frente à Guilherme I, imperador alemão, D.Pedro II mostraria apoio à causa alemã e desprezo aos franceses. Uma vez em território francês, seu discurso se inverteria, demonstrando ao primeiro ministro Jules Armand Dufaure desprezo aos alemães.

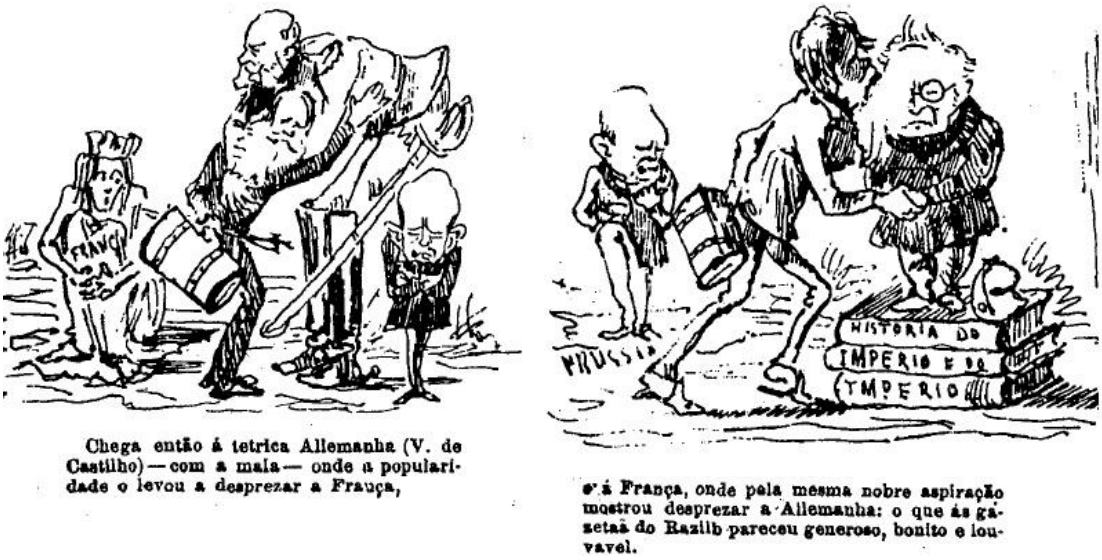

FIGURA 2– D.Pedro II encontra o Imperador alemão e o primeiro ministro francês. p.4

O objeto que D.Pedro II carrega nesta sequência é de fundamental importância para a compreensão das representações dos intelectuais portugueses sobre D.Pedro II. Em praticamente todas as caricaturas presentes na obra, o imperador é desenhado com uma mala à mão, que em certos momentos é tratado como se fosse um personagem. Seu sentido na narrativa não se encerra em seu uso prático durante a trajetória do imperador, e a elucidação de seu significado exige que a outra obra sob análise entre em cena.

ISBN: 978-85-98711-10-2

As Farpas foi uma publicação criada por Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz em 1871 que, como seu subtítulo preconizava, tecia uma "crônica mensal da política, das letras e dos costumes" em Portugal que incomodava grande parte dos representados nela. A obra conteve as crônicas de ambos os criadores até 1873, quando Eça de Queiroz aceitou a nomeação para um cargo consular em Havana, Cuba, e sua produção ficou sob a responsabilidade unicamente de Ramalho.

Nas páginas de *As Farpas*, a sociedade portuguesa era descrita sob os olhares que buscavam redefinir a identidade portuguesa e visavam um novo rumo político e cultural para o país. Nela, também, eram tecidas críticas a qualquer evento que, sob a ótica dos dois intelectuais, afetasse de forma direta ou indireta a sociedade portuguesa. A viagem de D.Pedro II à Europa não escapou à publicação, que ainda contando com as palavras de ambos os criadores, trouxe na edição de fevereiro de 1872 as crônicas sobre a passagem do Imperador pelas terras europeias sob o título de "Fastos da peregrinação de sua majestade o Imperador do Brasil por estes reinos".

Pela indeterminação da data de publicação da obra de Bordallo, torna-se difícil definir qual das obras em questão veio primeiro e, portanto, se ocorreu uma possível influência de uma sobre outra. Entretanto, o relevante para a problemática é compreender que os olhares lançados sobre os eventos da viagem confluem a partir de um eixo comum de ideias

Diferentemente da obra de Bordallo, as crônicas de Eça e Ramalho sobre a viagem foram escritas como uma carta direta e pessoal ao Imperador. Neste "diálogo", vários assuntos concernentes à viagem do Imperador a à Portugal foram tratados, sendo estabelecida até uma tipologia da sociedade portuguesa. Fugindo à uma estrutura linear para o propósito desta análise, passemos diretamente ao meio do texto, quando Eça e Ramalho chamam a atenção para a imagem do "imperador-democrata"

> Um momento de atenção. O Imperador do Brazil quando esteve entre nós e mesmo fora de nós - era alternadamente e contraditoriamente – Pedro de Alcântara e D.Pedro II. Que farão os historiadores futuros? Dirão que viajou em Portugal D.Pedro II? Mas se ele o negou! Narrarão que Portugal foi viajado por Pedro de Alcântara? Mas se ele o contradisse! A história não tem nome a dar-lhe.[5]

[5] ORTIGÃO, Ramalho e QUEIROZ, Eça de. AS FARPAS: Crônica mensal da política, das letras e dos costumes. Lisboa: Tipografia Universal, fev/1872. p.36

ISBN: 978-85-98711-10-2

A crítica feita por Eça e Ramalho é ora realizada através de sutis ironias, ora de forma mais direta. A contradição apresentada por D.Pedro II em suas ações durante sua viagem contribuiria para seu próprio esquecimento na história e da memória portuguesa. Antes, entretanto, a mala já havia adentrado na narrativa:

> E ainda estranharam que Vossa Magestade a não largasse – a mala! Podera larga-la!... Um homem como Vossa Magestade, quieto desde que nasceu em cima de um trono com um cetro em punho, que melhor, que mais regaladamente pode descansar a mão do que segurando nela uma mala!
> "O cetro quer dizer: 'Diverti-vos, ó vós que passais; eu para aqui estou! A mala quer dizer: 'arranjae-vos como puderdes, ó vós que permaneceis; eu cá vou-me embora. A mala é a antítese do cetro. Um escraviza, a outra liberta.[6]

Libertação da ritualística que envolvia o imperador em qualquer local de seu território. A mala representaria um escape da própria condição de Imperador, que ao menos na esfera discursiva teria sido deixada de lado durante o trajeto. Mas seu significado vai além, como Eça e Ramalho colocam ao citar Leopoldo I, então falecido governante da Bélgica:

> O rei Leopoldo da Bélgica gostava tanto de malas até que as metia nos discursos: "Vejam lá, meus senhores, dizia ele à assembléia de 48, se não estão satisfeitos, eu tenho a minha mala feita! ' frase que hoje seria inútil, porque, como Vossa Magestade sabe, não há agora rei nenhum que não tenha preparada a mala. Vossa Magestade, percorrendo a Europa sem nunca se separar da sua mala, mostrou com grande tato que não precisa de que ningúem lhe ensine que este objeto de viagem não é já considerado pelos reis sábios, como em 1848, uma simples figura de retórica.[7]

A mala, "insígnia do incógnito" de D.Pedro II, emerge então como símbolo do iminente fim dos sistemas monárquicos, cuja existência já não encontraria lugar na moderna concepção de Estado, sendo associados ao atraso, ao arcaico. Estes dariam lugar aos regimes republicanos ou outras formas de governo que estariam ligadas ao outro pólo, o do progresso, não se apoiando em laços de sangue ou crenças religiosas. Mais do que essa iminência, a mala representaria a própria consciência dos homens sob

---

6 Idem. p.8

7 Idem. Ibdem.

ISBN: 978-85-98711-10-2

as coroas da finitude de seu poder, prestes a abrir espaço a regimes com maior representatividade popular.

Mas, afinal, o que dizer sobre as diversas problemáticas representadas por Bordallo, Eça e Ramalho sobre a viagem do Imperador do Brasil pela Europa? Mais do que crônicas sobre a viagem de D.Pedro II, as narrativas destes intelectuais são profundas reflexões sobre a sociedade portuguesa,

A viagem do imperador do Brasil por Portugal e restante da Europa ganhou tamanho destaque nas obras destes intelectuais por permitir que estes a usassem para trazer à tona diversos vícios e, dentro de uma concepção moderna e linear da temporalidade, do atraso da sociedade portuguesa. A construção da imagem de um monarca, sua moral, sua preocupação com o reino sob seu cetro, sua relação com seus súditos e, fundamentalmente, o próprio sistema monárquico, eram tópicos que perpassavam diretamente as discussões sobre cultura, memória e identidade suscitadas pelos jovens intelectuais portugueses do período.

O monarca brasileiro e, para além das obras analisadas, o Brasil, são vistos e utilizados pelos intelectuais portugueses no ato de repensar Portugal. Refletir sobre a própria identidade perpassa necessariamente a percepção de sua relação e limites com o outro. Nas palavras de Homi Bhabha, "é na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas da nação [*nationess*], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados"[8]

Tendo tal afirmação em mente, as narrativas construídas por Bordallo, Eça e Ramalho apontam para diferentes possibilidades de reflexão sobre a construção das identidades nacionais em Portugal e no Brasil no séc.XIX. Quando pensado nos dois lados do atlântico, este processo não deve ser analisado sob uma perspectiva portuguesa e outra brasileira, mas em uma escala luso-brasileira, em que os elementos presentes nos fluidos limites com o "outro" constituem os fundamentos para suas constantes redefinições identitárias.

---

[8] BHABHA, Homi. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. p.20.

ISBN: 978-85-98711-10-2

FONTES ANALISADAS

ORTIGÃO, Ramalho e QUEIROZ, Eça de. AS FARPAS: Crônica mensal da política, das letras e dos costumes. Lisboa: Tipografia Universal, fev/1872. Disponível em: http://purl.pt/256/3/pp-7311-p_1872/pp-7311-p_1872_item3/index.html

PINHEIRO, Raphael Bordallo. Apontamentos de Raphael Bordallo Pinheiro sobre a picaresca viagem do Imperador de Rasilb pela Europa. Lisboa: s/e, 1872.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMER, Franklin L. **O Pensamento Europeu Moderno**. Vol. 2: Sécs. XIX e XX Lisboa: Edições 70, 1990.

BHABHA, Homi. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. 2º Ed. Rio de Janeiro: Ziar Editores, 1983.

BERRINI, Beatriz. **Brasil e Portugal: a geração de 70**. Porto: Campo das Letras, 2003.

HOMEM, Amadeu Carvalho. **Riso e poder: uma abordagem teórica da caricatura política**. IN: Revista de História da Ideias. Vol.28. 2007.

GAUER, Ruth M. Chittó. Interrogando o limite entre historicidade e identidade. IN: GAUER, Ruth M. Chittó (org.). **A qualidade do tempo: para além das aparências históricas**. Rio de Janeiro: Ed. Lumen Juris, 2004. pp. 227-275

LUSTOSA, Isabel (org.) **Imprensa, Humor e Caricatura: A questão dos estereótipos culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

PAREDES, Marçal de Menezes. **Fronteiras Culturais Luso-Brasileiras: Demarcações da História e Escalas Identitárias (1870-1910)**. Tese de doutoramento defendida no Instituto de História e Teoria das Ideias da FLUC – Universidade de Coimbra. 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As Barbas do Imperador: D.Pedro II, um monarca nos trópicos**. 2º Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.